

Igreja

No livro de Atos, capítulo 7, temos o registro do primeiro mártir da Igreja Cristã, Estevão, que morre apedrejado após descrever o nascimento do povo eleito em Abrão, seguido pela descrição detalhada da retirada desse povo do Egito para a Terra Prometida, e a entrega da Lei de Deus a Moisés, no Monte Sinai. O discurso de Estevão tem como objetivo chegar ao ponto em que os profetas anunciam a vinda do Messias, mas os antepassados dos judeus, ao invés de receberem a profecia e abrirem os olhos para enxergar a chegada de seu cumprimento, mataram os profetas. Somos aqui obrigados a analisar o início da formação da Igreja Cristã.

O mundo helênico

Após Alexandre, o Grande, o mundo teve sua geopolítica alterada uma vez que não apenas mais um império se instalava, mas o mundo do povo eleito de Deus passava a se tornar parte de um mundo pagão. O cenário do Império de Alexandre, o Grande, vai da Macedônia, seu local de nascimento, à Arábia, tendo o reino de Israel centralizado em seu domínio. Tamanho reino instituiu um mundo religioso que englobava uma infinidade de deuses e também de formas de ver o mundo e o além, incluindo a humanização do divino, em um panteão de deuses não mais representados como criaturas místicas, mas seres humanizados em forma e celestiais em poder. Ares, Lupércio, Febo, Diana... aproximavam os povos do norte da África, árabes e turcos, que não mais se dobravam apenas a homens com cabeça de águia ou a forças da natureza, mas a homens superpoderosos, sendo cada um deles responsável pelo domínio de uma força especial como o fogo, a sabedoria, a justiça ou a medicina.

Nesse universo de divindades nasce o Messias, um homem com o poder de ser Filho de Deus, nas palavras do próprio Estevão, estando em pé ao lado de YHWH após ser ressuscitado. Não apenas venceu o deus da morte como recebeu nome sobre todos os outros nomes, e posição à direita do Criador.

Sendo iniciada a pregação do Evangelho entre os judeus, coube a Deus estender a sua mão entre os não-judeus¹ e, conseqüentemente nasceram diversas divergências doutrinárias dentro da Igreja, uma vez que a Nova Aliança diferia da Antiga, sendo a Aliança de Moisés calcada na preservação de ritos, e a Nova no abandono desses ritos e mudança do estilo de vida de proprietários de terra (a Terra Prometida) para nômades (Ide). A Igreja apostólica começou a perder tempo com pequenas questões, e em uma dessas questões relacionadas ao serviço social prestado às viúvas helênicas (At 6:2), os apóstolos decidem instituir os *diáconos* (ministros). Sete helênicos são escolhidos para o serviço, e dentre eles está Estevão, que passa a pregar inclusive nas sinagogas helênicas (sinagogas voltadas aos adeptos do judaísmo não nascidos em Israel). Com essa pregação, o judaísmo passa a ver o Cristianismo (a pregação do Evangelho de Jesus Cristo) como perigosa, uma vez que agora não mais estava o povo eleito apenas dominado politicamente pelos romanos, como também sendo dominados teologicamente pelos cristãos, seria o fim da identidade judaica no mundo. Estevão é então martirizado, e se torna a semente da Igreja Cristã ao ter seu martírio presenciado por um jovem chamado Saulo.

Enquanto o Espírito Santo incendiava as pregações dos primeiros cristãos com seus dons, nascem grupos fixos em meio ao trabalho itinerante, assim começam reuniões periódicas no shabbat, com pregações que não diziam respeito à Lei, mas à Graça. A Igreja nasce não como uma vertente do judaísmo, mas como o próprio judaísmo não modificado mas compreendido, considerando todo o Antigo Testamento como um espelho embaçado, agora limpo pela Luz da sabedoria de Jesus Cristo. Os cristãos só passam a ser vistos como não-judeus em Antioquia, onde o exercício de sua fé destoava de tal forma da fé judaica que, diante do mundo a luz da Igreja não mais era confundida, estava formada diante da sociedade a Igreja Cristã (At 11:26).

¹ Assista a aula do dia 17 de março, sobre o Apóstolo Paulo.

A destruição do templo

Após o ano 40d.C, o Império Romano se vê perigosamente ameaçado pela Igreja Cristã, pois seus membros não viviam de forma aceitável como os judeus. Enquanto estes conseguiam se unir ao Império, exigindo licença apenas para não prestar adoração a César, os cristãos não apenas tinham vida religiosa como os judeus como adotavam duas práticas incompatíveis com um Império: a) Não se limitavam ao templo, antes tinham uma vida itinerante levando o Evangelho e aumentando cada vez mais seu domínio social; e b) Não apenas não adoravam a César como pregavam contra essa adoração e derrubavam todo o sistema religioso romano, combatendo a idolatria e pregando adoração ao único Deus verdadeiro, Elo'him.

O Império romano passa a viver também outra frente de batalha, essa contra o próprio judaísmo. Com o término da construção do Templo em 64d.C, milhares de trabalhadores judeus se viram sem trabalho e a crise econômica, que vinha há décadas castigando os hebreus com a alta carga de impostos do Império, agora se via insustentável pois faltava até mesmo o dinheiro para o pagamento de impostos. Dois anos depois da construção do Templo, em 66d.C os judeus se rebelam contra o Império Romano e inicia-se o período final da Guerra dos Judeus, culminando com o cumprimento das profecias em Tito, que destrói o Templo de Jerusalém e transforma a cidade em ruínas.

Com o colapso do judaísmo, a Igreja Cristã se torna o grupo rebelde resistente, itinerante e em crescimento constante, mesmo diante da morte – e principalmente com as mortes. A Igreja em Jerusalém é perseguida e, com o martírio de Tiago, irmão de Jesus que liderava a Igreja na Terra Santa, os cristãos são dispersos pelo mundo grego. O Evangelho se expande e alcança todo o mundo grego descendo até o norte da África, e já no terceiro século, todo o mundo romano já havia sido alcançado pelo Ide do Cristo.

Com a organização da Igreja e formação de grupos de estudos das Escrituras, se dá o início de produção apologética cristã. À essa altura, tanto o mundo cristão quanto não cristão já contava com grandes intelectuais voltados à análise da filosofia cristã, assim temos o filósofo platônico Celso, histórico opositor da Igreja, dizendo que:

Longe de nós, dizem os cristãos, ser homens com cultura, sabedoria ou discernimento; o objetivo deles é convencer apenas pessoas desprezadas e insignificantes, idiotas, escravos, mulheres pobres e crianças. Estes são os únicos que eles conseguem converter”.

O que o filósofo não entendia, Paulo já havia anunciado: *Pois a mensagem da cruz é loucura para os que estão sendo destruídos, porém para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus. Porquanto está escrito: “Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos homens cultos”* (I Co 1). Se o cristianismo seduzia multidões de pessoas simples, desde seu início destaques na sociedade também se achegavam à Igreja (At 17:4). Havia porém uma defesa do Evangelho, que com o passar do tempo passava a ser pregado não mais como em Pentecostes “com grande poder” mas na *defesa da fé* diante de um mundo de incredulidade, cenário que até hoje é vivido pela Igreja na Terra. Em resposta a Celso, nasce movimento dos apologistas: Aristides, Justino Mártir, Teófilo de Antioquia e o maior deles, Tertuliano (150d.C).

Ateísmo

O ateísmo foi originalmente um termo aplicado pelos romanos aos cristãos, uma vez que os “seguidores do Cristo” não acreditavam em um “deus físico” e sim em um Evangelho de alguém que já havia morrido, assoma-se a isso não haver na igreja primitiva a utilização de ícones representando YHWH (o que seria heresia no judaísmo), Cristo ou os santos. Essa falta de materialidade no culto cristão leva os romanos a declararem os cristãos como ateus, ou aqueles que não acreditam em nada.

A perseguição no Império Romano

O estilo de vida dos crentes era inaceitável dentro de um império que se ordenava pela expansão territorial e pela unidade religiosa. Os romanos instituíram dentro de todo o Império o culto à divindade que, à semelhança dos deuses dos povos que o compunham, detinha um poder específico, César, o deus da *pax romana*. Onde chegava o reino de César, chegava o fim da pirataria nos mares, o fim das guerras civis e invasões. Em compensação, era exigido que todos os habitantes do Império queimassem incenso a César e declarassem “César é Senhor”. Os judeus conseguiram negociar uma saída para esse sacrilégio, e mantiveram seu culto monoteísta dentro das sinagogas, mas os cristãos não podiam fazer o mesmo pois o Evangelho não nasceu dentro de templos e sim em trabalho itinerante. Dessa forma, aos cristãos era impossível viver em conformidade com as exigências do Imperador, estava decretada a guerra constante entre Estado e Igreja.

Fernando Melo
Brasília, março de 2021.